



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS

CARLANE DA CONCEIÇÃO COSTA

**O HOMEM NEGRO NA ESCRITA DA MULHER NEGRA: TÚLIO E LUANDI
SOB O OLHAR DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO**

PICOS-PI

2024

CARLANE DA CONCEIÇÃO COSTA

**O HOMEM NEGRO NA ESCRITA DA MULHER NEGRA: TÚLIO E LUANDI
SOB O OLHAR DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Picos, como requisito para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho

PICOS-PI

2024

C837h Costa, Carlane da Conceicao.

O homem negro na escrita da mulher negra: Túlio e Luandi sob o olhar de Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo / Carlane da Conceicao Costa. - 2024.

42f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, Campus Professor Barros Araújo, Picos - PI, 2025.

"Orientador: Dra. Eliana Pereira de Carvalho.".

1. Maria Firmina dos Reis. 2. Homem negro. 3. Túlio - Personagem. 4. Luandi - personagem. 5. Conceição Evaristo. I. Carvalho, Eliana Pereira de . II. Título.

CDD 469.02

CARLANE DA CONCEIÇÃO COSTA

**O HOMEM NEGRO NA ESCRITA DA MULHER NEGRA: TÚLIO E LUANDI
SOB O OLHAR DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras-Português da
Universidade Estadual do Piauí, Campus
Professor Barros Araújo – Picos, como
requisito parcial para obtenção de título de
graduação em Letras-Português.

APROVADA EM/...../2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Orientadora

Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Examinadora

Profa. Me. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Examinadora

PICOS-PI

2024

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria José da Conceição Costa, mulher guerreira, batalhadora, de quem eu tenho a honra e o privilégio de ser filha. Obrigada por seu amor incondicional mesmo nos momentos em que eu não me senti digna de tanto empenho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

“Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês.”

Filipenses 1:3

Sou extremamente grata a Deus pelas pessoas maravilhosas que o Senhor colocou em minha vida. Agradeço por ter tido a melhor bisavó que eu poderia ter, Josefa Carmina. A senhora não está mais entre nós para que possa ver tudo que estou e que ainda vou conquistar. Sinto saudades! Às vezes, quando a saudade é demais, a senhora vem me visitar através de sonhos e eu consigo sentir a sua presença como se nunca tivesse deixado de estar aqui.

Mãe, eu não tenho palavras para descrever o amor que sinto pela senhora. Já passamos por tantas coisas e ainda assim nunca deixara de me amar, tenho orgulho da senhora e de tudo que você representa para mim, amo-a infinitamente.

Aos meus amigos e amigas que sempre me apoiaram desde sempre e para sempre obrigada, Janete, Ariely, Gessilande, Maria Clara, Karine, Letícia, Tanailton Sá, Josué, Suelaine e Alice. Vocês foram luz em meio ao caos que era a minha vida, sou grata por ter vocês na minha vida e me sinto privilegiada por fazer parte da de vocês.

“Amo minha raça, luto pela cor,
O que quer que eu faça é por nós, por amor”.

(Racionais Mc's, trecho da letra da música “Jesus chorou”)

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar duas obras de autoria negra feminina, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. A intenção é comparar as duas obras mencionadas, procurando evidenciar o ponto central da pesquisa, que é mostrar, a partir destas obras da literatura brasileira, como o homem negro é representado sob a perspectiva de uma escrita feminina e negra, porém concentradas em tempos e lugares diferenciados. A comparação entre as duas obras ofereceu a possibilidade de verificar como o conceito de raça em nossa sociedade interfere na maneira como o sujeito negro é construído em narrativas, conforme o tempo e o espaço narrado. Com a análise comparativa das duas obras, procuramos ressaltar, por meio da literatura de autoria negra e feminina, o processo de dominação orquestrado contra a população negra, instituído por um passado histórico colonial e escravocrata, mantido pelo racismo estrutural presente no atual cenário brasileiro. De um lado, Túlio que é representado por Maria Firmina dos Reis em um contexto ainda escravocrata de outro, Luandi, que enfrenta o preconceito social e racial de uma cidade grande, embora tenha buscado na farda de soldado a oportunidade de um espaço de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Firmina dos Reis. Conceição Evaristo. Homem negro. Túlio. Luandi.

ABSTRACT

This work is based on the analysis of two works by black female authors: **Úrsula** by Maria Firmina dos Reis and **Ponciá Vicêncio** by Conceição Evaristo. The aim was to compare the two works, seeking to highlight the central point of the research, which is to show, based on these works of Brazilian literature, how the black man is represented from the perspective of black and feminist writing, but in different times and places. The comparison between the two works provided the opportunity to examine how the concept of race in our society influences the way the black subject is constructed in narratives, according to the time and space represented. Through the comparative analysis of these two works, we seek to highlight, through literature written by black female authors, the process of domination orchestrated against the black population, established by a colonial and slave-owning historical past and maintained by the structural racism present in the current Brazilian scenario. On the one hand, Túlio, as represented by Maria Firmina dos Reis in a context still dominated by slavery; and on the other, Luandi, who faces the social and racial prejudice of a big city, despite seeking the opportunity for a space of power in his soldier's uniform.

KEYWORDS: Maria Firmina dos Reis. Conceição Evaristo. Black man. Túlio. Luandi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SOBRE OS DESDOBRAMENTOS TERMINOLÓGICOS DE UMA AUTORIA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA	13
2 MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO NO CENÁRIO DA LITEATURA BRASILEIRA	21
2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS E ÚRSULA: <i>UMA MARANHENSE DE FÔLEGO E UMA ESCRITA APAGADA PELA TRADIÇÃO LITERÁRIA</i>	22
2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO E PONCIÁ VICÊNCIO: <i>UMA ESCRITORA E UMA ESCRITA MARCADA PELA VIVÊNCIA (ESCRIVIVÊNCIA)</i>	27
3 TÚLIO E LUANDI: A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM NEGRO A PARTIR DE UMA AUTORIA NEGRA E FEMININA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Durante a colonização moderna, o povo negro foi colocado em situação de subserviência e inferioridade por aqueles que se denominavam superiores do ponto de vista racial. Colonizada por portugueses, a sociedade brasileira recebeu como herança as ideias eurocêntricas e, por sua vez, etnocêntricas que pautam o atual cenário brasileiro. Como consequência, vivemos em uma sociedade que se baseia em estereótipos criados a partir de um conceito de raça que enquadra os sujeitos social e economicamente.

Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido em 13 de maio de 1888, isso não representou a libertação de um *status quo* existente no Brasil. Por um longo período, após a abolição, a escravização interna e a ideia da não aceitação de um povo negro livre sustentaram as elites brasileiras que não estavam dispostas a renunciar ao trabalho realizado pelos escravos. O trabalho braçal, considerado inferior pelo pensamento eurocêntrico, só poderia ser exercido por escravizados, pessoas de cor, subalternos, inferiorizados pela sua condição racial, conforme os estereótipos da época e que até hoje são utilizados como determinantes de classificação racial e social.

Devido ao passado colonial e escravocrata existente no Brasil, normalizou-se uma representação histórica e literária desses sujeitos a partir de uma perspectiva negativa, inserindo-os em estereótipos, cuja base remetia tais sujeitos tão somente ao contexto histórico da escravização moderna. Nos livros didáticos, por exemplo, o negro, pelo viés da escravização, era visto apenas como propriedade do branco, sendo consumido por termos degenerativos que o designavam um ser violento, hipersexualizado e destituído de capacidades intelectuais. Tudo isso tomando como base a visão histórica eurocêntrica.

Tais representações também permearam a literatura brasileira que, por anos, colocaram o povo negro nesta posição inferiorizada e degradante. A literatura, em grande parte, resumia-se a acolher o negro como tema a partir de imagens distorcidas. Como era quase impossível a escolarização para a população negra, a condição de uma autoria negra na literatura era quase inexistente. Tal situação foi se modificando com a introdução dos precursores da literatura de autoria negra no Brasil, entre eles Machado de Assis e Lima Barreto, por exemplos.

Todavia, somente em 1960 haveria uma mudança significativa no cenário da Literatura de autoria negra no Brasil, pois, até então, o negro seria, em grande parte,

representado na literatura brasileira a partir de personagens coadjuvantes, muita das vezes não nominados, que eram representados por autores não-negros, tendo em vista a quase ausência de uma voz autoral negra. Nessa perspectiva, a maioria das produções literárias brasileiras retratava personagens negras a partir de pontos de vista que evidenciassem estereótipos da estética branca dominante.

Em função de o cenário literário brasileiro ser alicerçado por uma escrita predominantemente eurocêntrica, feita por autores não-negros, o negro, nesta escrita, é objeto de uma literatura reprodutora de estigmas raciais, sendo predeterminado como igual a todos que pertencem a sua mesma origem étnica. Buscando romper com esse ciclo de preconceitos e estereótipos atribuídos pela literatura canônica brasileira, que não dava vez nem voz a personagens negras(os), autores(as) representantes dos movimentos negros se viram na obrigação de colocarem esses sujeitos invisibilizados e marginalizados socialmente no seu lugar de fala na literatura brasileira.

Disso, resultou uma escrita que partia de um olhar de dentro da experiência negra para a literatura, estabelecendo de fato este lugar de fala que é capaz de falar de si para si, pois, ao falar de si, fala em termos de grupo, dando voz aos que são consumidos pelo racismo estrutural de nossa sociedade. Ao estabelecer este lugar de fala, toma o protagonismo de sua própria história se autorrepresentando e representando seus pares, silenciados histórico e socialmente.

A contar desses pressupostos, atentamos para a necessidade de estudos sobre como o sujeito negro é representado a partir da perspectiva de uma autoria negra na literatura brasileira, em especial uma autoria negra e feminina. No entanto, por escolhermos uma autoria feminina, cogitamos a possibilidade de analisarmos a representação de uma autoria negra e feminina em relação ao homem negro. Em face disso, escolhemos a obra literária contemporânea *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Ademais era necessário ir além, comparando-a com outra obra de autoria negra e feminina que representasse o homem negro em um outro tempo e lugar. A escolha recaiu em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicada pela primeira vez em 1859, em uma época em que o sujeito negro era ainda um ser escravizado.

A intenção foi comparar as duas obras mencionadas, procurando evidenciar o ponto central da pesquisa, que é mostrar, a partir destas obras da literatura brasileira, como o homem negro é representado sob a perspectiva de uma escrita feminina e negra, porém concentradas em tempos e lugares diferenciados. A comparação entre as duas obras ofereceu

a possibilidade de verificar como o conceito de raça em nossa sociedade interfere na maneira como o sujeito negro é construído em narrativas, conforme o tempo e o espaço narrados. Com a análise comparativa das duas obras, procuramos ressaltar, por meio da literatura de autoria negra e feminina, o processo de dominação orquestrado contra a população negra, instituído por um passado histórico colonial e escravocrata, mantido pelo racismo estrutural presente no atual cenário brasileiro.

O trabalho monográfico realizado abordou o estudo da literatura brasileira de autoria negra, em especial a escrita por mulheres, verificando, mais precisamente, a representação do homem negro nessas narrativas, tomando como base dois personagens emblemáticos de cada narrativa: Túlio, da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e Luandi, da obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. A literatura brasileira, até a segunda metade do século XX, quase sempre reproduzia o pensamento e a visão eurocêntrica ao representar a população negra. Dessa forma, trazer a visão de duas escritoras que foram participantes ativas do movimento negro e que trazem nas suas obras o negro sobre o ponto de vista de um olhar diferenciado, de um lugar de dentro, considerando serem elas mulheres negras, favorece uma atualização da escrita literária brasileira.

O presente trabalho monográfico se apoiou em leitura de livros, pesquisas bibliográficas, artigos e outros materiais relevantes, considerando o objetivo geral de comparar analiticamente duas obras literárias a partir de um ponto de vista de uma autoria negra e feminina, cuja escolha recaiu sobre a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e sobre a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Nesse aspecto, houve o desdobramento do objetivo geral em outros específicos: 1) discorrer sobre a literatura de autoria negra, verificando este recorte da literatura brasileira como estética e como movimento de luta social em prol do direito a uma voz autoral, trazendo, com isso, um diálogo com teóricos que discorrem sobre literatura afro-brasileira e sobre literatura negro-brasileira; 2) apresentar as autores e as obras literárias, objeto de estudo do presente trabalho no contexto da literatura brasileira; 3) analisar a representação do homem negro nas duas obras especificadas, através dos personagens Túlio e Luandi e de outros que os circundam, a partir do ponto de vista de uma autoria negra e feminina.

A priori nosso trabalho apresentou a proposta do tema, justificando-o, nesta parte introdutória, que, além disso, traz nossos objetivos, a metodologia utilizada, a síntese de nossos resultados, como também um detalhamento de cada capítulo que compõe o referido trabalho monográfico. A metodologia utilizada consistiu na pesquisa bibliográfica com

discussão das temáticas presentes nas obras. Partindo dessa perspectiva foi discutido o papel que o negro(a) ocupa na literatura, a representação e (auto)representação de personagens que há muito eram invisibilizados e excluídos da nossa sociedade.

O desenvolvimento do trabalho foi alicerçado nas leituras de livros, artigos, monografias dentre outros textos acadêmicos cujas abordagens versavam sobre as temáticas a serem trabalhadas, tais como a problemática em torno do racismo, do preconceito estrutural e institucional, da escrita de autoria negra e feminina, da representação e autorrepresentação do negro como sujeito do seu pensar, dentre outros aspectos. O *corpus* a ser analisado, mediante as leituras realizadas, se referiu as duas obras distintas, de autoria negra e feminina que são *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, primeiro romance de literatura afro-brasileira, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, uma obra contemporânea de nossa literatura brasileira.

A fundamentação teórica do presente trabalho contou com a utilização de materiais já publicados que abordavam a temática, como forma de aprimoramento da pesquisa. Logo, para que a pesquisa fosse considerada válida, fez-se necessária a montagem de um arcabouço teórico de perspectivas distintas, com percepções variadas do tema abordado, para que assim se pudesse construir uma fundamentação teórica baseada em diferentes óticas.

1 SOBRE OS DESDOBRAMENTOS TERMINOLÓGICOS DE UMA AUTORIA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação negra dentro da literatura, durante muito tempo, foi demarcada pelo preconceito e estereótipos que a literatura se encarregou de construir e veicular. Atualmente, tal representação literária vem ganhando notoriedade ao enaltecer a cultura e a identidade negro-brasileira, tornando-se, assim, um instrumento de denúncia do preconceito racial. É notório como a presença do personagem negro na literatura não escapa de um processo alienável que, desde as instâncias fundadoras, é símbolo da coletividade de indivíduos em classe, cultura, descendência, estirpe, geração, família, linhagem, grupo, povo e raça.

Contudo, evidencia-se dentro desse percurso na literatura o discurso literário paralelo a dois posicionamentos, sendo o primeiro ligado a condição negra como objeto, em uma visão distanciada; e o segundo posicionamento perpassa o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Assim, temos a literatura sobre o negro, de um lado, em um cenário majoritariamente dominado pela supremacia branca, e a literatura do negro de outro,

desconstruindo preconceitos e estereótipos, dando voz ao povo negro. Todo esse referencial que compõe a presença do negro (a) na literatura perpassa aspectos e características da representatividade e da (auto)representatividade. Essa representatividade conceitua-se como algo multifacetado que envolve várias abordagens e interpretações, ou seja, o ato representativo carrega consigo ambiguidades e metáforas se apresentando ao espectador como uma ação fictícia. No entanto, a (auto)representatividade se denota pelo ato do autor representar a si próprio por meio da escrita com base em sua própria identidade, experiências e perspectivas.

No Brasil, uma literatura de autoria negra recebeu e recebe diversas denominações que acabam enfatizando, por sua vez, perspectivas diferenciadas sobre o mesmo objeto. Dessa forma, em relação a este tipo de escrita, sinalizada por ser um recorte da literatura brasileira que dá ênfase à experiência coletiva da população negra no Brasil, vamos encontrar termos como literatura negra, literatura afrodescendente, literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira.

A terminologia literatura negra nos remete a discussões no interior de movimentos surgidos nos Estados Unidos e Caribe, que se expandiram-se para outras fronteiras, incentivando uma literatura que valorizasse questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afrodescendentes. Isso se daria por meio do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, culminando no comprometimento e na utilização de uma escrita que trouxesse para a literatura uma cosmovisão diferenciada para representar a realidade (Fonseca, 2006).

De outro lado, conforme relato de Fonseca (2006), o uso do prefixo “afro” na substituição de literatura negra por literatura afro-brasileira, referindo-se a uma autoria negra na literatura, enfrenta também os mesmos problemas decorrentes da utilização do termo “literatura negra”. Na concepção de alguns teóricos, tanto um como outro termo são habitualmente usados para produzir um recorte no campo artístico e literário de uma dada cultura e, sendo assim, ambos são excludentes, pois produzem diferenciações que racham o tecido de uma cultura com pretensões homogêneas, como é o caso da cultura brasileira que, ao produzir esse recorte, revela uma cultura diferenciada, a cultura negra.

Paralelamente a esse discurso e divergindo dele, encontramos outras vozes que enfatizam a importância dessa particularização, pois a abrangência do termo literatura para designar todas as produções literárias de uma dada cultura acabaria por negligenciar as lutas históricas de inserção e de produção no campo literário de grupos sociais específicos no

interior de uma dada cultura, como é o caso da brasileira. Nesse caso, a abrangência do termo “literatura brasileira” não daria conta de questionamentos que dizem respeito, por exemplo, a quase ausência de uma autoria negra, afro-brasileira ou afrodescendente na tradição literária brasileira e nos currículos escolares e acadêmicos, embora essa ausência venha pouco a pouco sendo dirimida diante de algumas políticas educacionais.

Esta discussão coloca de um lado os defensores de um termo abrangente, “brasileira literatura”, e de outro seus contestadores que defendem os recortes que, embora sejam excludentes, demarcam um território de lutas e reivindicações, como também demandam a atenção para uma problemática política que engloba o campo social, educacional e literário.

Mesmo entre os escritores que se assumem como negros, alguns deles muito sensíveis à exclusão dos descendentes de escravos na sociedade brasileira, existe resistência quanto ao uso de expressões como “escritor negro”, “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”. Para eles, essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária. Outros, ao contrário, consideram que essas expressões permitem destacar sentidos ocultos pela generalização do termo “literatura”. E tais sentidos dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade (Fonseca, 2006, p. 13, grifos da autora).

Há, portanto, discussões em torno da terminologia apropriada para nos referirmos à produção literária de autoria negra e tais discussões partem de escritores e escritoras do próprio segmento literário brasileiro. Discussões desse tipo são pontuais para entendermos os mecanismos de exclusão que são utilizados e legitimados por nossa sociedade. Fonseca (2006) chama a atenção para a abrangência do termo “literatura brasileira”, por não comportar a problemática da configuração do cânone literário, cuja presença de uma autoria negra é quase nula ou possui um tratamento diferenciado, e, vale também lembrarmos, mesmo diante de uma população brasileira majoritariamente negra. Dessa forma, não apenas a cor da pele, mas também a postura de assumir as tradições africanas em sua escrita, são fatores que costuram uma minoria excluída da tradição literária brasileira.

De acordo com Fonseca (2006), o termo “negra”, adjetivando as palavras literatura, poesia, cultura, entre outros, assumiu um caráter positivo quando houve a necessidade de um enfrentamento no tocante à construção de uma identidade cultural de matriz africana no Brasil. Nesse processo, houve divergências em função dos discursos que propagavam a ideia de que o Brasil era um país de “cultura mestiça” e que a população vivia numa “democracia racial”.

É necessário ressaltarmos que o conceito de democracia racial obteve respaldo no Brasil com a obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala*, publicada em 1933. Conforme o referido autor, entre os colonizadores europeus, o colonizador português foi o “que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos”, “menos rígido no contorno” e “menos duro nas linhas do carácter”; aquele que “sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica” (leia-se africana), desejo de um cruzamento, com vistas à miscigenação, devido sua tendência ao social (Freyre, 2017, p. 265-266). O parecer de Freyre (2017) a respeito dos colonizadores portugueses criou o mito de uma democracia racial para o século XX em diante, dando a entender que, no Brasil, o racismo inexistia e que o conceito de raça não é determinante para as relações pessoais e sociais; o que é uma falácia.

Tal falácia se mostra na prática das relações pessoais e sociais no Brasil. São inúmeros os casos de racismo que contradizem, nos discursos e nas práticas, a existência de uma democracia racial. As contradições se tornam mais visíveis, à medida que são expostos, de forma mais explícita e constante, os preconceitos contra aqueles que apresentam um fenótipo mais acentuado de matriz africana, principalmente em relação à cor da pele. Tais preconceitos nem sempre são contestados e, em muitos casos, são até assumidos como não ofensivos. No entanto, isso tem se modificado gradativamente, tendo em vista a criminalização do racismo, as políticas públicas relacionadas à questão racial e uma conscientização de que é necessário romper o racismo a partir da discussão em torno da relação identidade e diferenciação. A diferença só é vista como discriminatória quando a questão da identidade é posta numa perspectiva hierarquizante.

No campo literário, as discussões em torno de uma terminologia adequada ou da inexistência de uma para designar as produções de autoria negra apontam para o debate racial. No caso do apagamento dessas produções, inserindo-as numa nomenclatura única, literatura brasileira, haveria sucessivamente um apagamento da história e da luta do povo negro neste país e o reforço do mito de uma democracia racial. Do outro lado, uma designação específica envereda, segundo Fonseca (2006), para os critérios de identificação desta produção literária, requisitando-se compreender como seria uma literatura negra em um país mestiço e que traços a distinguiriam de uma literatura não negra.

Em primeiro plano, teremos uma disputa em relação à terminologia: literatura negra ou literatura afro-brasileira. Há toda uma trajetória de uso de um ou outro termo. O primeiro adquire força a partir dos movimentos negros na década de 1970 no Brasil, fortalecido pelas

lutas por liberdade no continente africano. Os *Cadernos Negros* expõem melhor esta atitude que é relatada por Miriam Alves (2002 *apud* Fonseca, 2006, p. 14):

Os primeiros textos da coletânea buscavam [...] desconstruir uma tradição literária que exclui a produção literária marcadamente política. Os *Cadernos Negros*, na contramão da literatura legitimada, assumiam a rebeldia de segmentos da população negra em sua luta contra a chamada democracia racial. Propunham, como considera Miriam Alves, ‘negar a negação de toda uma vivência-existência da população negra’ (Grifos da autora).

A referida antologia constitui-se como um volume importante na disseminação e pesquisas de texto literário que pouco circulam no meio acadêmico e nos programas de literatura das escolas de educação básica. São relevantes também na medida que discutem a exclusão vivenciada por grande parte da população brasileira. Nesse sentido, Fonseca (2006) argumenta que na proposta inicial dos *Cadernos Negros* é defendida a utilização do termo “literatura negra” para nomear a forma de produção literária que se fortalecia com as lutas por liberdade no continente africano, na década de 1970.

As diferenças entre um ou outro termo não parecem ser muito profundas na abordagem de Fonseca (2006). Todos parecem se direcionar para um único propósito: a problemática das matrizes culturais africanas na diáspora negra numa perspectiva histórica e social e seus reflexos na literatura produzida no Brasil. Entendendo-se diáspora negra como a dispersão involuntária de negros africanos em decorrência da escravização, cujo motor foi a colonização europeia em África. Essa dispersão não é apenas geográfica, mas também cultural e constituiu-se como um trauma coletivo vivido pelos africanos escravizados e repassado para seus descendentes, segundo Bonnici (2005).

Outra terminologia utilizada para as produções literárias de autoria negra é “literatura negro-brasileira”. Essa terminologia é endossada por Luiz Silva, mais conhecido pelo pseudônimo Cuti. É reconhecido como um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos e se articula entre as funções de poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta. É mestre e doutor em Letras pela UNICAMP e um dos fundadores e mantenedores da série *Cadernos Negros* (LITERAFRO¹). Em 2010, publicou o livro *Literatura negro-brasileira*, de onde trazemos aqui algumas reflexões.

¹ Informações sobre Luiz Silva (Cuti) disponíveis em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/212-cuti>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

De acordo com Cuti (2010), ser um autor afro-brasileiro ou afrodescendente não significa necessariamente ser um autor negro-brasileiro. Nesse sentido o teórico explica, questionando:

O critério de cor da pele dos autores, em se tratando de texto escrito, em que medida é importante, considerando que ‘afro’ não implica necessariamente ser negro? O referido prefixo abriga não negros (mestiços e brancos), portanto, pessoas a quem o racismo não atinge, para as quais a identidade da herança africana não está no corpo, portanto, não passa pela experiência em face da discriminação racial. Quando se fala em ‘poetas negros’, estariam os que usam tal expressão referindo-se à cor da pele? Parece-nos que sim, porém, não apenas isso. Então, além do dado d

a cor, teria de haver o dado da escrita. Que escrita será essa? Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afrodescendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevralgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto!

Esse excerto da obra explica bem o posicionamento de Cuti. Para o teórico, é na pele que se encontra inscrito o racismo. Poderíamos dizer que, no Brasil, todos nós somos afro-brasileiros e afrodescendentes, pois todos temos um pé em África em decorrência da colonização e da escravização no Brasil. Todavia, divergimos nas características físicas, em especial, no tocante à cor da pele, havendo uma diversidade de caracteres físicos. Enfatizamos aqui a questão da cor da pele, pois é por meio dela que o racismo se impõe com maior força. São as pessoas negras que sofrem com frequência o racismo estrutural que assola nossa sociedade e são elas que carregam esses traumas para o resto da vida.

A defesa de Cuti (2010) pelo termo “literatura negro-brasileira” diz respeito a uma existência e uma vivência de um sujeito que é autor literário e que sente com profundidade o que é estar nesse espaço da discriminação racial e da exclusão social. Segundo Cuti (2010, p. 25),

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o ‘lugar’ de onde fala (Grifo do autor).

Nessa perspectiva, a escrita de autoria negra é antes de tudo um lugar social. É o espaço que tais autores e autoras encontram para verbalizar a existência de uma população cujos direitos e conquistas foram minimizadas ao longo do tempo em função do preconceito racial que é estrutural desde as suas bases históricas, uma vez que os problemas enfrentados pelo Brasil hoje são resultantes de um passado que se reproduz continuamente em seus discursos e em suas práticas, que são alimentados pelas velhas e mesmas estruturas do passado. É por isso que a subjetividade negra é o fator fundamental da literatura negro-brasileira. De acordo com Cuti (2010, p. 44-45):

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. **A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira**, pois a palavra ‘negro’ aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra ‘negro’ (Grifo em negrito nosso e em aspas do autor).

Como vimos nesse excerto, uma literatura negro-brasileira marca uma singularidade que evita que tal vertente se perca na abrangência do termo “literatura brasileira”, fazendo com que elementos negros sejam tidos apenas como fortalecedores dessa literatura. A palavra “negro” que se agrega à palavra “brasileiro” na terminologia dessa vertente literária representa a força necessária para demarcar o lugar de fala de seus autores e de suas autoras.

Daí a preferência dada por Cuti (2010) a essa terminologia que além de demarcar uma subjetividade negra, demarca também o aspecto da verossimilhança que, nessa vertente, relaciona-se à relação que a escrita tem com seu autor ou autora, tornando-se ela um testemunho de sua experiência como sujeito negro. Essa subjetividade negra, no entanto, não se assume como individual, mas coletiva, pois ela é compartilhada por um grupo que experiencia as mesmas vivências.

Esta peculiaridade da literatura negro-brasileira que representa a existência/vivência do próprio autor no processo criativo da escrita literária é denominada por Conceição Evaristo como “escrevivência”, cujas discussões direcionam para uma autoria negra feminina. Segundo ela, a concepção inicial da expressão se realiza como um ato de escrita de mulheres, como uma ação que pretende borrar, desfazer a imagem do passado na qual o

corpo das mulheres negras escravizadas tinha sua potência de omissão controlado pelos senhores de escravo, mulheres e até crianças. Segundo Evaristo (2020, p. 30):

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’. (Grifo da autora).

A escrevivência traz, portanto, a experiência e a vivência da condição de pessoas brasileiras de origem africana. Uma condição particularizada que conduz a condição de nacionalidade diferenciada, de uma forma diferenciada de ser de outros brasileiros como, por exemplo, da experiência de brasileiros indígenas, ciganos, brancos etc. Evaristo afirma que, mesmo a partir de um lugar tão particularizado da vivência como brasileira de origem africana, tem consciência de que compõe discursos literários que abarcam um sentido de universalidade humana.

Neste trabalho, não temos a intenção de fazer a defesa de um ou outro termo. Adotaremos a terminologia “literatura afro-brasileira” por entender, assim como Duarte (2023), que, embora a terminologia cause perturbações por se constituir como apêndice da literatura brasileira, ela se coloca como adequada se considerarmos que o ponto de vista adotado por determinada escrita é tão relevante quanto o sujeito de enunciação de onde ela emana. Sendo assim, mais importante que um autor ou autora que se autoproclame negro ou negra, há que considerarmos a atitude que ele ou ela adota perante a escrita. Ao falar sobre a adoção do termo “literatura afro-brasileira”, Duarte (2023) assim se expressa:

[...] vejo no conceito de *literatura afro-brasileira* uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo ‘negro ou mulato, como queiram’, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isto mesmo, inscrevesse como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária (Duarte, 2023, p. 6).

Para o teórico, a utilização do termo “literatura afro-brasileira” é pertinente e, dentro deste espaço aberto de conversação, mais pertinente ainda é a abertura para a configuração do discurso literário afrodescendente em seus diversos matizes, acentuando-se aqui o ponto de vista por considerar, como relata Duarte (2023), que:

O ponto de vista adotado indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. Diante disso, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo à toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante segmento da população (Duarte, 2023, p. 10).

Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula*, ao colocar Túlio como referência moral de seu texto, assume que conjunto de valores quer presente em sua representação de mundo autoral. Da mesma forma, Conceição Evaristo, ao se colocar como alterego de Ponciá Vicêncio, numa espécie de projeção de si na obra, posiciona sobre o ponto de vista assumido em seu texto. No capítulo seguinte, falaremos sobre cada autora e sobre as obras aqui acolhidas como ponto de discussão sobre a representação do homem negro.

2 MARIA FIRMINA DOS REIS E CONCEIÇÃO EVARISTO NO CENÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA

Ao evidenciarmos o movimento de valorização da cultura afro/negro-brasileira, na perspectiva do gênero feminino, temos como precursora da quebra de paradigmas e estigmas raciais e de gênero a escritora Maria Firmina dos Reis, primeira autora mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil. Ela traz em suas obras uma outra perspectiva sobre a negritude dando voz às minorias étnicas. O romance *Úrsula*, que dará vulto a Maria Firmina dos Reis e que traz o ponto de vista da pessoa escravizada que anseia por liberdade, será uma das obras analisadas nesta investigação.

Outra autora de renome quando o assunto é autoria negra no Brasil é a célebre Conceição Evaristo, que sempre traz protagonistas negras em suas obras. Ambas foram e ou continuam sendo mulheres à frente de seu tempo e que merecem destaque por terem coragem de reafirmarem aquilo que são e ajudarem grande parcela da população brasileira a encontrarem, fora dos estereótipos impostos, uma sociedade livre do racismo e da hipocrisia

do multiculturalismo que não reconhece o processo de diferenciação que se opera na sociedade.

Neste capítulo, nossa intenção é apresentar as autoras citadas e as obras literárias, escolhidas como objeto de estudo do presente trabalho, no contexto da literatura brasileira, situando-as tanto como pertencentes a dado movimento literário, quanto à forma como apareceram dentro do cenário da literatura brasileira. Para tanto, primeiro, falaremos sobre as autoras e suas inserções no campo literário e, em seguida, faremos um comentário, respectivamente, sobre *Úrsula* e *Ponciá Vicêncio*, oferecendo uma visão mais ampla de cada um dos romances.

2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS E ÚRSULA: UMA MARANHENSE DE FÔLEGO E UMA ESCRITA APAGADA PELA TRADIÇÃO LITERÁRIA

A literatura canônica é predominantemente alicerçada por uma literatura reafirmadora das estéticas dominante de seu tempo, a eurocêntrica, sendo um universo exclusivamente marcado pela quase inexistência de representações ou por representações estigmatizadas dos negros. É neste cenário que surge Maria Firmina dos Reis, uma mulher e uma intelectual à frente do seu tempo.

Maria Firmina dos Reis é autora do primeiro romance brasileiro de autoria feminina que se tem notícia. Esquecida por décadas, a obra da autora foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida, em um sebo no Rio de Janeiro. Em 11 de agosto de 1860, em São Luís - MA, as primeiras páginas do jornal *A Moderação*, anunciava o lançamento de *Úrsula*, escrito em 1859. O lançamento despertou a atenção do público devido ao fato de ser de autoria feminina. A autora, Maria Firmina dos Reis, era, na época, professora pública em Guimarães - MA. Aliás, além de ser a primeira mulher no Brasil a escrever um romance, foi também a primeira a ser aprovada em um concurso público do Maranhão para o cargo de professora primário. À frente de seu tempo, foi capaz de, com seu próprio salário, se manter sozinha e, para afronta da cidade de Maçaricó, em Guimarães, e para exaltação de seu pioneirismo, abriu a primeira escola mista oito anos antes da Lei Áurea.

A autora nasceu em 11 de março de 1822, em São Luís do Maranhão. Negra, filha de mãe branca e pai negro, que foi abolido de seu registro, dando lugar a um pai ilegítimo. Muito cedo a autora teve contato com a literatura ao se mudar para a casa de uma tia mais abastada, em 1830, na vila de São José de Guimarães. Aos poucos, Maria Firmina dos Reis

teve contato com outros de seus parentes ligados ao meio cultural, como Sotero dos Reis, um popular gramático da época. Advém daí o autodidatismo da autora de *Úrsula* e o gosto pelas letras.

Em 1859, quando Maria Firmina dos Reis escreveu *Úrsula*, no Brasil, era a época do Romantismo que, na poesia, se dera em 1836. Na prosa, autores como Massaud Moisés, em *A literatura brasileira através dos textos* (2000), colocam a publicação de *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, como o introdutor da ficção romântica em nossa literatura, enquanto outros como Alfredo Bosi, em *Histórica concisa da literatura brasileira* (2001), registram *O filho do pescador* (1843), do mestiço de origem humilde, Teixeira e Sousa, como o primeiro romance romântico brasileiro.

É interessante observarmos que, fora a notabilidade da obra para os maranhenses de sua época, esta permaneceu envolta em total silêncio mesmo diante do fato de ser o romance de Maria Firmina dos Reis uma inovação do ponto de vista temático. *Úrsula* é tido como o primeiro livro brasileiro a se posicionar contra a escravidão e a partir do ponto de vista dos escravos, antes mesmo do famoso poema *Navio negreiro*, de Castro Alves (1869), e de *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.

A temática da escravidão, para os poetas românticos, com exceção da terceira fase da poesia romântica, permaneceu silenciada perante o nacionalismo literário que imperava na época e que se pautava na exaltação do índio como símbolo da origem do povo brasileiro, tendo, na sequência, uma fase de profundo pessimismo e tédio que marcou os ultrarromânticos. Na prosa, o projeto literário de criar uma identidade nacional através da literatura também renegou quase que totalmente o elemento negro, a exceção é um Bernardo Guimarães.

Maria Firmina dos Reis já demonstrava uma postura antiescravista bem desenvolvida e articulada em 1847, quando se tornou professora. Ao ser aprovada no concurso para professora, recusou-se a andar em um palanque desfilando pela cidade de São Luís nas costas de escravos, afirmando que escravos não eram bichos para levar pessoas montadas neles. Para uma mulher e negra, em sua época, era praticamente impossível expor-se contra a escravidão, todavia a estabilidade e o respeito que angariou como professora deram-lhe a oportunidade para escrever e publicar uma obra sobre o tema.

Diferentemente dos escritos das mulheres da época, cheios de amenidades, Maria Firmina dos Reis soube conduzir, em pleno domínio escravocrata (a escravidão só foi oficialmente abolida em 1887), uma narrativa que, com um tom brando, teve como propósito

conquistar leitores para a causa antiescravista, leitores estes donos de escravos. O fato de ter sido filha de mãe escrava alforriada, sem dúvidas, fez com que Reis trouxesse uma essência transcendental a suas obras, abastecendo-as de uma nova visão sobre o negro na sociedade. Embora tenha vivido numa época de regime escravocrata no Brasil do século XIX, a autora deu voz aos seus, fazendo uma crítica à estrutura do sistema colonial. Através de sua obra *Úrsula*, tornou-se a precursora da temática abolicionista; o que deu ampla visibilidade à escritora. Todavia, não em sua época, mas muito tempo depois de sua morte.

Úrsula é um romance de 1859, escrito num contexto de uma sociedade oitocentista de regime patriarcal e escravista. A obra conta a história de um triângulo amoroso entre Úrsula, Tancredo e o Comendador Fernando P, no entanto tendo a escravidão como cenário social do enredo. Entre as nuances dessa história de amor impossível, Maria Firmina traz a temática abolicionista através da redundância tríade de três personagens negros, Túlio, a escrava Suzana e Antero.

No romance, Maria Firmina faz questão de mostrar a crueldade de Fernando, senhor de escravos e vilão da história. Entretanto, o ponto alto do romance é a personagem Suzana, uma mulher escravizada que, frequentemente, recorda-se de sua época de liberdade. No primeiro capítulo, somos apresentados a dois personagens masculinos, Tancredo e Túlio, que irão encarnar a positividade moral do texto: um branco e um negro. Eles entram em cena, primeiro Tancredo; depois, Túlio. Entretanto, ao utilizar-se do artifício do acidente, a autora faz com que o segundo tome a frente do primeiro e cresça enquanto caráter moral e enquanto personagem.

No romance, tanto o escravo Túlio quanto a escrava Susana falam em primeira pessoa e são revestidos de subjetividade. A mulher comum, nas pessoas da menina Úrsula e de sua mãe Luíza, que não são escravas, mas brancas destituídas de posses, também ganham o direito de falar em primeira pessoa. Todos esses personagens estão à mercê dos abusos e crimes do senhor que preside a perdição e o desmando, o senhor de escravos que é também o senhor das terras e, portanto, o senhor da lei, o comendador Fernando P.

Por meio da escrita de Maria Firmina dos Reis, personagens negras(os) ganham visibilidade e voz e se tornam sujeitos do seu próprio pensar, passando a serem protagonistas de suas próprias histórias, contadas sobre suas perspectivas de vivência. É o caso da negra Suzana que relata como era sua vida antes de ser capturada e o sofrimento que passou dentro de um navio negreiro até chegar no Brasil, em um diálogo com Túlio, quem ela tinha como um filho. Túlio está de partida com Tancredo, pois depois que este foi salvo, Túlio o

acompanhará por toda parte como uma espécie de guardião constante. Logo, negra Susana indaga “Que te adianta trocares um cativo por outro!” (Reis, 2020, p. 82). Na mentalidade de Túlio, embora tivesse salvado Tancredo devia a este uma eterna gratidão por ter tido em troca a alforria. É por conta disso que responde a Susana assim: “Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade!” (*idem, ibidem*). Então Suzana conta a Túlio como era na sua terra.

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura. – Túlio, meu filho, ninguém gozou mais ampla liberdade, não só houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias (Reis, 2020, p. 83).

Através desse relato, Susana mostra a Túlio que ele, por ter nascido escravo, desconhece o que seria a verdadeira liberdade, assim como não tem noção de que ela não pode ser comprada e nem tirada. Por outro lado, a autora dá voz a Susana que narra sua história em primeira pessoa, tornando-se, com isso, o sujeito da sua própria história, que ela relata por meio de suas memórias felizes em sua terra de origem, mas também pelo trauma da Diáspora negra, enfrentada por Susana quando foi capturada e arrancada de suas raízes: “Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade!” (Reis, 2020, p. 83).

Podemos notar nesse trecho a ambiguidade que a autora traz nessa fala do relato de Susana, já que a personagem chama os colonizadores de bárbaros, designativo que, até então, era dado ao colonizado e/ou escravizado. Ao tomar esse designativo para lançar contra o colonizador, ela assume uma subjetividade negra que denuncia o quão irracional é a escravização e o quanto são bárbaros e violentos os que a praticavam.

Maria Firmina dos Reis surge para ressignificar a literatura afro-brasileira, trazendo uma nova perspectiva do negro, da negritude e do processo de representação e autorrepresentação de sujeitos que na literatura brasileira, até então, eram marginalizados, estereotipados, invisibilizados e silenciados. Sujeitos que sofreram e ainda hoje sofrem pelo apagamento de sua história e pelo abismo social, além dos estigmas raciais aos quais estão

sujeitados desde o contexto histórico de construção do Brasil até a construção identitária do ser social.

Maria Firmina dos Reis ainda requisita pesquisas que se aprofundem mais sobre a vida e a obra da autora como, por exemplo, o fato de como uma mulher negra e sem muitas posses conseguiu alcançar tanto sucesso em pleno regime escravocrata. Para os dias atuais, a imagem que se tem de Maria Firmina dos Reis é a repassada pelos registros oficiais da Câmara dos vereadores de Guimarães que apresenta a autora com a face de uma mulher branca. O busto da escritora no, Museu Histórico do Maranhão, também a retrata “embranquecida”, de nariz fino e cabelos lisos.

Anos mais tarde, quando Maria Firmina dos Reis já se firmara como escritora e professora e o movimento abolicionista já estava difundido no Brasil, a autora publicaria um conto ainda mais crítico, *A escrava* (1887), que conta a história de uma mulher de classe alta, sem nome, que tenta, sem sucesso, salvar uma mulher escravizada.

Para Duarte (2017), a publicação de *Úrsula* sob a utilização de um pseudônimo “Uma Maranhense”, teria sido uma estratégia muito utilizada por mulheres naquela época que, entre várias razões, uma delas seria o fato de que, assim, ficariam com mais liberdade para expressar suas ideias, sem se preocupar tanto com as opiniões da sociedade. Tal sociedade era tão cruel com uma escrita feminina, quanto com uma escrita de autoria negra e, neste caso, Maria Firmina afronta com suas novas ideias não somente a condição feminina imposta, mas também a condição do negro como autor de obras literárias.

De acordo com Duarte (2017, p. 6):

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto “negro” a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro no Brasil. Acresça-se a isto o gesto (civilizatório) representado pela inscrição em língua portuguesa dos elementos da memória ancestral e das tradições africanas.

Nesse sentido, Maria Firmina dos Reis afrontou o patriarcalismo expresso no campo literário que impedia a ascensão de uma escrita feminina na literatura e, por sua vez, o racismo estrutural que dificultava uma autoria negra. A força de sua escrita permitiu que

fosse retirada do ostracismo literário em que a colocaram por anos, possibilitando seu resgate e visibilidade no cenário da literatura brasileira. Sua escrita se torna atual, considerando-se que pouca coisa mudou da data de publicação de *Úrsula* até a data da redescoberta de Maria Firmina dos Reis. Isso reafirma o ponto de vista autoral que coloca em sua escrita, revelando seu comprometimento político e a tese de que nos faltava um “romance negro”.

2.2 CONCEIÇÃO EVARISTO E PONCIÁ VICÊNCIO: UMA ESCRITORA E UMA ESCRITA MARCADA PELA VIVÊNCIA (ESCRIVIVÊNCIA).

Conceição Evaristo é um caso singular de autorepresentatividade na literatura afro-brasileira. Pautada no conceito de “escrevivência”, por ela assim definido, Conceição Evaristo constrói um mundo ficcional a partir de seu próprio lugar. O conceito de escrevivência, criado pela escritora, já é evidente no primeiro romance dela, *Ponciá Vicêncio*, de 2017, em que, na orelha da capa do livro, ela assim expõe:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na confusão já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (Evaristo, 2017, grifo da autora).

Uma das características da literatura negro-brasileira é a presença de uma subjetividade coletiva quando se trata de temas. É uma autoria negra que, ao falar de si, fala de um grupo que com o autor ou autora compartilha os mesmos dilemas. Na narrativa de Evaristo, há esta estrita relação entre mundo real e mundo ficcional como é característico na literatura, todavia em maior grau. Afinal, é na realidade que o artista busca sua matéria, como afirma Amora (1973):

É a realidade que dá o conteúdo da obra. É na realidade que o artista recolhe, pela intuição, a matéria para sua obra. Por isso os estetas e os críticos modernos dizem que a obra literária (ou toda obra de arte) é uma suprealidade ou imagem da realidade (Amora, 1973, p. 43).

Conceição Evaristo é um grande expoente da literatura contemporânea e nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. É Mestre em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica–PUC, do Rio de Janeiro, e Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense, também na mesma unidade federativa. Suas obras trazem reflexões acerca das desigualdades raciais, numa mescla de realidade e ficção. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra, Evaristo busca por meio de suas obras abordar a história de vida de mulheres negras e, por meio de tais abordagens, incentiva a recuperação da identidade, ancestralidade e negritude brasileira, as quais foram intencionalmente apagadas pelos portugueses no período escravagista.

Ponciá Vicêncio é um romance negro-brasileiro que traça questões de identidade e herança identitária na construção social de um povo que, durante muito tempo, viveu o apagamento de sua história. A obra traz um enredo não linear, havendo sempre um diálogo entre passado e presente. O romance traça a história de Ponciá, uma personagem que tem laço forte com o passado de seu povo e com sua herança identitária. Ela é uma personagem fragmentada, composta de vários “eus” e que vive de uma maneira singular. “Ela gastava todo o seu tempo com o pensar, com o recordar” (Evaristo, 2017, p. 18). As quais Evaristo trabalha a subjetividade feminina negra, seus anseios e lutas.

Tudo isso Conceição Evaristo aloca através de sua “escrivência”, que é na escrita que nasce de sua vivência. É em função disso que é possível confundir a personagem Ponciá Vicêncio com autora Conceição Evaristo em uma junção que se transforma em Ponciá Evaristo. Como sujeito histórico, a autora se transporta para a narrativa dando vida a uma personagem histórica. Para Candido (2007, p. 71), os personagens históricos da literatura da ficção são “construídos a partir de um modelo real conhecido pelo escritor, que serve de eixo ou ponto de partida. O trabalho criado desfigura o modelo, que todavia se pode identificar”. Logo, as temáticas abordadas pela autora não são somente construídas através de uma experiência de um terceiro, mas também pela sua própria vivência, transcendendo do lírico ao social.

A todo momento é perceptível a força e a coragem da protagonista, mulher, negra, pobre e que depois da morte do pai, vai para uma cidade grande tentar a sorte. Na esperança de uma vida melhor para si e para os seus: “Ponciá tentava consolar a mãe dizendo que um dia voltaria para buscá-la e ao irmão também. E que juntos todos seriam felizes” (Evaristo,

2017, p. 32). Na tentativa de dar uma vida melhor para os seus, livrando a si e a eles de um círculo vicioso de sofrimento, ela vai em busca do desconhecido:

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar no barro com a mãe, de ir e vir as terras dos brancos e voltar sempre com as mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidado pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias (Evaristo, 2017, p. 30).

Com o passar do tempo, Ponciá percebe que a vida na cidade não era como ela a imaginava, embora tenha conhecido alguém com o qual passou a dividir sua vida. A partir desse relacionamento, ela pôde perceber que não estava vivendo a vida que tinha tanto sonhado; pelo contrário, se sentia presa dentro de si mesma, era silenciada e compartilhava também do silenciamento do marido que era o mesmo que ela enxergava no pai e no irmão: “Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão tinham sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo” (Evaristo, 2017, p. 57).

O desgosto era tanto que já tivera grávida sete vezes. Agora, se vendo naquela situação, distante de sua terra, de seus familiares e em condições banais, não pensava em outra coisa senão na falta de sorte que os filhos teriam de nascer em situação tão desumana.

Bom mesmo que os filhos [de Ponciá] tivessem nascidos mortos, pois assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (Evaristo, 2017, p.70-71).

A trajetória de luta de homens e mulheres contra a escravidão no Brasil se perpetuou por muito tempo e, atualmente, não é diferente; o que muda é como o contexto histórico escravocrata é utilizado para inferiorizar, marginalizar e estereotipar a grande parcela da população brasileira que, querendo ou não, é composta em sua maioria por negros(a), afrodescendentes, mestiços e mulatos, os quais foram e continuam sendo excluídos da nossa sociedade apenas por serem quem são.

A perspectiva de Evaristo está mais do que certa, quando ela retrata que a vida escrava ainda é algo constante na vida dos povos originários. A estrutura ideológica social na qual vivemos não nos permite mudar, rompendo com as barreiras do racismo estrutural e institucional que, embora tentem negar, estão presentes na sociedade brasileira. Estas barreiras são camufladas por aqueles que defendem que com esforço tudo se consegue, não levando em consideração o abismo social, os mecanismos que distinguem e filtram o acesso às oportunidades e às ideologias racistas.

3 TÚLIO E LUANDI: A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM NEGRO A PARTIR DE UMA AUTORIA NEGRA E FEMININA

A marginalização do homem enquanto negro vem desde a propagação do etnocentrismo pela colonização moderna. Os afrodescendentes do Brasil, em função de um passado colonial e escravocrata que tornou o racismo estrutural em nossa sociedade, são inferiorizados por seus corpos negros ou enegrecidos, carregando na pele o peso dos estigmas raciais e, em contrapartida, das desigualdades sociais.

A população negra, embora na atualidade seja aguerrida na luta contra o racismo, não consegue se desvencilhar de vez das amarras dos estigmas, dos preconceitos e do desfavorecimento de si enquanto grupo social. Tal situação vem se modificando gradativamente graças à luta do povo negro e a uma ainda sutil política antirracista, mas o racismo ainda se mostra presente de diversas formas e isso é reflexo de um longo passado de silenciamento do povo negro e do apagamento de sua história e de sua cultura, devido a uma excludente sociedade centrada em uma estética racista e idealizada, que designava a pessoa pela cor, interditando espaços e acessos. Dessa forma, uma pessoa negra, em determinadas épocas, poderia pensar em fazer parte da elite ou mesmo alcançar a ascensão social, pois sequer era considerada humana como no contexto da escravização. Os espaços de poder era privilégio de uma pequena parcela da sociedade branca e eurocêntrica e do privilégio da branquitude ainda permanece.

Portanto, na contemporaneidade, a luta contra o racismo ainda precisa ser travada dia após dia, desmistificando-se a visão da sociedade brasileira que banalizou o homem negro, representando-o como um sujeito desprovido de caráter. Diante desse cenário contemporâneo de banalização e marginalização do homem negro enquanto sujeito e de luta contra o racismo, o grupo de rap brasileiro fundado em 1988 na cidade de São Paulo, os

Racionais Mc's, expõe as realidades cruéis às quais o povo negro é submetido pela sociedade capitalista, trazendo à tona todas as mazelas da negritude que busca a sobrevivência e muitas das vezes se depara com a forma mais fácil, o crime. No entanto, entrar ou não para a vida do crime é uma escolha do sujeito enquanto pessoa, não tem a ver com sua etnia. É sabido também que a parcela da população que é mais acarretada pela marginalização são os menos favorecidos e que, por consequência de todo um contexto histórico, entre eles a população negra prevalece como uma porcentagem maior nos dados estatísticos. É isso o que se evidencia na música “Negro drama” do grupo do rap citado:

Nego drama
 Entre o sucesso e a lama
 Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
 Nego drama
 Cabelo crespo e a pele escura
 A ferida, a chaga, à procura da cura
 Nego drama
 Tenta ver e não vê nada
 A não ser uma estrela
 Longe, meio ofuscada
 Sente o drama
 O preço, a cobrança
 No amor, no ódio, a insana vingança
 Nego drama
 Eu sei quem trama e quem tá comigo
 O trauma que eu carrego
 Pra não ser mais um preto fodido
 O drama da cadeia e favela
 Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
 Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
 Que sobrevivem em meio às honras e covardias
 Periferias, vielas, cortiços
 Você deve tá pensando
 O que você tem a ver com isso?
 Desde o início, por ouro e prata
 Olha quem morre, então
 Veja você quem mata
 Recebe o mérito a farda que pratica o mal
 Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
 Histórias, registros e escritos
 Não é conto nem fábula, lenda ou mito
 Não foi sempre dito que preto não tem vez? [...]
 Racionais Mc's (Música: Negro drama)

Racionais MC's nessa música expõe as vivências de um jovem negro da favela que alcança a ascensão social através do rap, o que o livra da criminalidade. A canção critica a discriminação racial, cultural e social, o abandono do Estado e as oportunidades oferecidas pelo crime. Embora o grupo reafirme na maioria das músicas os juízos de valor voltados para com os negros, suas músicas expõem também todo o drama enfrentado pela negritude,

e que apesar dos pesares, sempre carrega consigo a resiliência, porque ser negro neste país é sinônimo de resistência. As letras das músicas do grupo de rap é um grito de resistência e orgulho, ao mesmo tempo de denúncia às injustiças raciais. Outrossim, procura celebrar a força e a resiliência da população negra. Por meio da letra da música, escancara-se para a sociedade que tais juízos, em suma diz mais sobre a cor do indivíduo do que do seu caráter, não passam de preconceitos enraizados, gerados principalmente pela discriminação, que reafirma cada vez mais o racismo estrutural inerente à sociedade. O negro não se põe em situações de perigo e de inferioridade, ele é obrigado a estar naquele lugar porque a sociedade não lhe dá o direito de ser ou fazer diferente, com raras exceções.

A sociedade brasileira ainda hoje nega ao negro uma vida digna que lhe aprimore a intelectualidade e o caráter que é reafirmado na letra do rap. Tal problemática de uma subjetividade negra já era abordada por Maria Firmina dos Reis em *Úrsula*, em fins do século XIX. A escritora fez questão de evidenciar e desnudar logo no primeiro capítulo de sua obra *Ursula*, intitulado “Duas almas generosas”. Nesse capítulo, a narradora do romance confronta as primícias de que o negro é um ser pernicioso por natureza.

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração entenece-se em presença da dolorosa cena, que lhe ofereceu à vista.

Reunindo todas as suas forças o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto (Reis, 2020, p 15).

Reis publica a obra em 1860, quando a escravização interna ainda era uma prática no Brasil, sendo a primeira vez que, em um romance brasileiro, constatamos a presença de uma subjetividade negra. Nesse trecho, evidenciamos que Túlio é um homem provido de caráter, embora fosse impossível se representar um escravo dessa forma na época em que Reis publica o romance. Pelo excerto, percebemos que Túlio, diante de uma situação de vulnerabilidade de um sujeito que poderia lhe aprisionar enquanto escravo, resolve ajudá-lo de bom grado, mostrando-se generoso. A ação de Túlio talvez tenha sido movida pelo condicionamento à servidão com a qual estava acostumado. Isso pouco importa, fato é que a narradora dá visibilidade a ação generosa deste personagem negro, dando inclusive ênfase ao poder de escolher salvar ou não o jovem que ali se encontrava desanimado e correndo risco de morrer. No contexto do espaço ficcional, mal sabia Túlio que tal ação mudaria sua trajetória enquanto sujeito escravizado dentro da narrativa. Essa escolha do personagem,

embora arriscada simboliza a resistência, pois mesmo diante de tanto sofrimento e violência imposta a um escravizado, desumanizando-o, Túlio é capaz de um ato de bravura humana.

Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima: ama a teu próximo como a ti mesmo, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país.... Àquele que é seu irmão? (Reis, 2020, p 15).

Antecedendo o trecho aqui exposto anteriormente, temos esse em que a narradora, produz um certo lamento em relação ao sistema escravocrata que retira do escravizado a capacidade de ter sentimentos, objetificando-o, como também reitera a vilania desse mesmo sistema ao hierarquizar os homens racialmente, desrespeitando a máxima cristã de que todos são iguais perante Deus. Aqui, a narradora humaniza o escravizado, quando recrimina o fato do branco que escraviza não o reconhecer como irmão e nem reconhecer a liberdade que lhe é de direito e que lhe foi tão violentamente retirada. O trecho também denota a integridade do homem negro diante da opressão e do constrangimento; uma reação digna para um ser oprimido.

Na obra, Túlio é um jovem irredimido com sua condição de escravizado. Ao ser questionado por Tancredo sobre sua condição, ele responde: “— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor — continuou —, não me chame de amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah, o escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte que...” (Reis, 2020, p. 18). Tancredo não compactuava com o regime escravocrata o mancebo, era diferente dos seus iguais e Túlio já havia percebido. Então, diante do discurso do jovem escravizado, Tancredo o interrompe, “— Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos” (*idem, ibidem*).

Túlio compadecido por tamanha comoção ao ver que tudo que havia feito estava sendo agora reconhecido, exclama:

— Ah! Meu senhor, — exclamou o escravo enternecido — como sois bom! Continuai, eu vo-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuaí, pelo céu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo!

Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu

senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão (Reis, 2020, p. 19)

Mediante a generosidade Tancredo, Túlio se torna um homem livre, pois o jovem Tancredo a quem salvara lhe dá dinheiro suficiente para comprar sua alforria, “— Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade” (Reis, 2020, p 30). E assim o fez Túlio, era agora livre, tinha conquistado sua manumissão. O bom rapaz agora era companheiro fiel de Tancredo e o seguia para todo lado, quem sabe por gratidão, quem sabe por mero reconhecimento, quem sabe por mera subserviência. Túlio havia dito que o seguiria até sua morte e assim o fez. Para ele, a liberdade não significou muita coisa, apenas uma alforria, pois como dissera Suzana, ele já havia nascido sob o jugo do mando e nunca conhecera a verdadeira liberdade que ela, Suzana, havia conhecido um dia.

A obra *Úrsula* traz um enredo repleto de críticas e análises sociais. A trama tecida por Maria Firmina dos Reis tem como pano de fundo o romance entre a jovem Úrsula e Tancredo, que mais adiante se torna um triângulo amoroso cheio de reviravoltas. Através das perspectivas internas da escrita de Maria Firmina dos Reis é possível perceber que a obra busca dar visibilidade à tríade de afrodescendentes composta por Túlio, Suzana e Antero, os quais ganham voz, sendo representados por sua própria identidade, suas memórias repletas de marcas e cicatrizes, que demonstram serem dotados de consciência crítica. Diante dessa narrativa que traz à tona a banalidade da escravidão, do racismo e da opressão, a autora deixa evidente a estética humanista antirracista de suas narrativas, passando a ressignificar a representação e autorrepresentação da negritude, que durante 300 anos de escravidão no Brasil de 1530 a 1888, eram vistos apenas como mercadorias, objetos de troca, que a partir do olhar e da sensibilidade de uma autoria feminina negra pode-se evidenciar as subjetividades destes personagens.

Indo ao encontro das perspectivas de Maria Firmina dos Reis, surge o enredo de Conceição Evaristo na obra *Ponciá Vicêncio*, a qual narra a história de Ponciá, jovem que busca ascensão social, partindo então para a cidade grande e abandonando sua identidade cultural. Transcendendo a subalternidade dos personagens que vem desde o nome herdado por eles de seus senhores “Vicêncio”, Evaristo busca através do enraizamento identitário e da etnicidade cultural romper com as barreiras do racismo estrutural impostas aos negros desde sua ancestralidade. Na busca pela afirmação da identidade afro-brasileira, Evaristo se deleita sob um discurso atravessado. Segundo ela, “o sujeito da literatura negra tem a sua

existência marcada por sua relação e por cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros fala de si”.

Na obra, a protagonista Ponciá Vicêncio, desgastada pelos preconceitos e violência a qual era submetida, vive da dualidade entre passado e presente. Luandi era irmão de Ponciá, vivia uma vida humilde junto com a mãe e o pai, o qual o ajudava nos afazeres na fazenda dos senhores para trazer o sustento da família. Quando Ponciá decide então partir para a cidade grande, não obstante Luandi vai ao encontro de sua irmã, na tentativa de reencontrá-la e reunir novamente a sua família.

Ao chegar na cidade, ele se depara com um soldado negro na estação de nome Nestor e então: “Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! que beleza! Na cidade, negro também mandava!” (Evaristo, 2017, p. 60, 61). E passa a almejar uma ascensão social por meio do trabalho como policial, um papel crucial a esse homem negro que só se enxergaria como sujeito inserido numa sociedade através de tal cargo que ele julgava digno para que houvesse de fato o seu reconhecimento enquanto sujeito que perpassa o seu status racial. Mas como seu estudo era pouco teve que se dispersar de tal desejo por um período, enquanto isso ia se contentando em fazer os mandados dos policiais, “[...] Era para varrer, limpar, cuidar do asseio da delegacia. E como ele não sabia ler nem assinar, não poderia ser soldado” (Evaristo, 2017, p. 61), Luandi então abraçou aquela oportunidade com toda sua vontade de vencer na vida, sabia que assim como o soldado Nestor poderia ser soldado também.

Percebemos assim como sua irmã, Luandi, ao chegar na cidade, não consegue sair da situação de subalternidade imposta pela sociedade. Desprovido do acesso ao saber, tendo em vista que viveu a vida inteira na fazenda de seus ex-senhores, em estado quase de escravização ao modo de seus pais e avós, Luandi acreditava que “[...] o tempo da escravatura tinha passado. Existia sofrimento só na roça. Na cidade todos eram iguais. Havia até negros soldados!” (Evaristo, 2017, p. 63). E a partir desse dia o jovem negro já estava decidido: “Luandi havia colocado um grande desejo no peito. Ia aprender a ler para um dia ser soldado” (Evaristo, 2017, p. 63).

Luandi José Vicêncio queria ser soldado. Queria ser o Soldado Nestor. Ficar bonito como ele dentro da farda. Falar bonito como ele. Ter a voz de mando como a dele (Evaristo, 2017, p. 67)

Nesse fragmento fica evidente que o desejo de Luandi não era mais ser soldado apenas almejando uma ascensão social, agora o jovem tinha o desejo de ser soldado para deixar o lugar de oprimido e se pôr no lugar de opressor.

Por enquanto não era soldado ainda, estava apenas ensaiando, mas um dia chegaria em que ele haveria de ser um soldado verdadeiro. Desses que prendem e batem. Desses que vão à guerra. Podia tanto haver uma guerra... Uma guerra dos pretos contra os brancos? Uma guerra dos ricos contra os pobres? Ah, não!... Essas guerras não! Ele queria bater, prender... Se tivesse uma guerra dessas, de que lado ficaria? Ah! Só se fosse uma guerra dos bons contra os maus! Assim dava certo. Ele ficaria do lado dos bons, bateria nos maus, prenderá os perversos (Evaristo, 2017, p. 68-69)

O personagem não esconde a sua dor e o seu anseio por vingança para com aqueles que desde sempre se sentem superiores aos seus iguais. Seja pelo contexto histórico seja pela supremacia étnica racial que o homem branco exerceu por muito tempo para com a negritude. Por outro lado, ele parece recair sob o peso do discurso do opressor, estabelecendo quem são os inimigos e sobre quem deverá recair seu poder de mando. Na condição de soldado na cidade grande, seu poder recairia sobre seus iguais que habitariam os muros e as favelas e seriam considerados bandidos aos olhos da lei, como se percebe na fala do delegado:

Ele dera até sorte, pois Negro Climério poderia ter feito o mesmo com ele também. E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos, eram como o Soldado Nestor e ele. Soldado Nestor olhou desconcertado para Luandi que continuava calmo, parado, longe, como se ao delegado não estivesse ouvindo (Evaristo, 2017, p. 102).

Ao se desiludir com a cidade grande e com a morte de Biliza, a mulher-dama que conheceu em uma casa de prostituição e com a qual queria se casar, resolve voltar à vila. Para tanto, quero mostrar na vila que era um soldado de mando, pede uma farda velha ao soldado Nestor e parte. Quando Luandi retorna à vila Vicêncio, vai ao encontro com a Nêngua Kainda, mulher sábia a qual todos da vila respeitavam. A velha ria do moço dizendo que ele estava em um caminho que não era o dele, ela então adverte:

Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse eco encompridado de outras vozes irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser pela areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (Evaristo, 2017, p. 81)

Após reencontrar a mãe Maria Vicêncio e logo após a irmã Ponciá Vicêncio, Luandi então encontra-se com seu eu verdadeiro. Reuniu a família e, ao fazer isso, percebe então que tudo aquilo que almejava de nada valeria se não tivesse consigo as pessoas que amava por perto.

Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e a melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreenderá que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso continuar decifrando nos vestígios do tipo os sentidos de tudo que ficará para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do ante-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, 2017, p. 110)

Luandi passa agora a ser sujeito do seu pensar, das suas histórias e de sua identidade cultural. Ao voltar para suas origens o jovem percebe que o enredo do qual faz parte não se faz apenas de seus desejos e de suas vivências, mas sim traz a totalidade social do grupo ao qual era pertencente. É a sua história que está sendo exposta, no entanto sua história é reflexo de tudo o que, coletivamente foi vivenciado pela população negra e que permanece por meio dos antepassados.

O que diferencia Túlio de Luandi é a perspectiva que é dada para cada personagem de acordo com a visão das escritoras. Túlio era um sujeito ainda escravizado quando conhece Tancredo, o qual Túlio seguirá até o seu último dia de vida por gratidão ao que o mancebo fez por ele. Embora ganhe a alforria já no primeiro capítulo do livro, Túlio renuncia a sua vida para viver à sombra de um senhor branco, Tancredo, que se mostra diferente dos indivíduos da sua época, pois, para ele, a cor da pele não distinguia Túlio dos demais pelo fato de ser negro. Isso, no entanto, demonstra como a liberdade do negro, nos últimos anos da abolição, não o eximia da servidão, seja por ser essa a única saída para sobreviver, tendo em vista que a liberdade da alforria não vem com recursos para o ex-escravizado se manter em uma sociedade totalmente fechada para ele; seja por se achar na obrigação de servir, já que nunca teve a verdadeira sensação de liberdade como teve um dia Suzana.

Já Luandi é retratado como um sujeito que busca a ascensão social, mas diferente do esperado pelos preconceituosos ele a queria da maneira mais digna possível, o personagem queria provar para si e para os demais que um negro pode estar no cargo que almejar

independentemente da sua cor. Pela perspectiva de Evaristo é “muito mais fácil para um sujeito branco pobre ascender do que para um sujeito negro pobre”, isso se dá pelo não reconhecimento do homem negro como capaz de exercer funções de excelência assim como os brancos. Tal preconceito e marginalização é fruto do apagamento da história do homem escravizado que nunca teve o seu reconhecimento como ator principal na construção da identidade multicultural brasileira. Ao final, ele reconhece que seu lugar não é na cidade, ajudando a massacrar seu povo, mas na vila, buscando criar uma comunidade, unida por elos ancestrais que visem à coletividade. Nesse sentido, ele busca a emancipação do povo negro.

Conceição Evaristo, assim como Maria Firmina dos Reis, buscam mostrar o personagem negro tal como são, sem ocultar as mazelas e todos os preconceitos aos quais o povo afrodescendente está sujeito, seja no discurso literário ou histórico, sobre o contexto de literatura afro-brasileira ao qual ambas as escritoras estão inseridas e que desempenharam e continua desempenhando com maestria um papel primordial. Zin (2018) assevera que

[...] a literatura afro-brasileira, ao expor as mazelas e a natureza profundamente desigual de nossa sociedade, encontrou uma brecha para denunciar o preço de se viver em um país onde o fazer literário continua sendo reserva de classe e em que boa parte da população é excluída tanto de sua produção quanto de sua fruição (Zin, 2018, p. 270)

Embora façam parte de contexto histórico diferente, ambas as escritoras convergem com o tempo ao qual estavam inseridas. Conceição Evaristo com sua escrita contemporânea baseada no seu conceito de escrevivência traz no enredo de sua obra *Ponciá Vicêncio*, a representação do negro inserido numa sociedade cheia de preconceitos, tendo que se tornar sinônimo de resistência e resiliência, que enfrenta uma luta constante contra os preconceitos, estereótipos e estigmas étnicos raciais aos quais estão sujeitos. Maria Firmina dos Reis, embora retrate o homem negro escravizado, reflete-o em sua obra como sendo um parâmetro de bondade e altruísmo, sendo a própria representação da dignidade humana, ainda que em uma época na qual o negro não passava de uma mera mercadoria. Evaristo e Reis buscam refletir o homem negro sob suas perspectivas e vivências, atribuindo aos personagens o direito de fala, que por muito tempo foram silenciadas e apagadas. Temos então através da escrita dessas escritoras uma literatura não somente que fale sobre o negro, mas uma literatura do negro para o negro, reafirmando a identidade e o pertencimento da negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o protagonismo negro na literatura só está sendo suprido, e ainda de forma bem lenta, graças às manifestações e movimentos de valorização da cultura negra. Até então os papéis exercidos por negros(as) eram limitados a papéis, invariavelmente, ligados à criminalidade e à pobreza, na condição de servil. Contrário a isso, na literatura de autoria negra, em síntese o(a) negro(a) se destaca por meio da representação e (auto)representação literária utilizando uma linguagem de poder, com uma abordagem autêntica e diferente, desafiando os estereótipos através das suas experiências e descortinando as dificuldades enfrentadas pela comunidade negra.

Embora tenha mais de 130 anos da libertação dos escravos, a distinção e o preconceito racial ainda como eminentes na nossa sociedade. O racismo se perpetuou no Brasil com a escravidão, a qual anulava os valores da cultura negra, advinda do processo de colonização, com o intuito de legitimar a dominação. Considerando que o “racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo social sobre os outros” (Santos, 1984, p. 11), é legítimo dizer que, neste aspecto, a sociedade se torna uma máquina produtora de desigualdade social.

Por muito tempo, a exclusão da população negra do campo do saber e da escrita literária foi extremamente severa, mas ainda hoje o acesso dos sujeitos negros a estas oportunidades são limitadas, ainda que no Artigo 1º do Estatuto da Igualdade Racial, haja um parágrafo único destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, sendo assim discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. Outrossim, é desigualdade racial toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica.

Por meio de Túlio e Luandi, respectivamente, personagens de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, acompanhamos a trajetória de dois homens negros em espaços e tempos diferentes. Enquanto Túlio é um negro escravizado no Brasil do século XIX, Luandi é um negro que vive os reflexos da escravização no Brasil

do início do século XX, sofrendo com a opressão e as injustiças da cidade grande em decorrência de sua cor. Túlio recebe a alforria de seu senhor, mas como está condicionado a servir, não consegue se desvincular do seu senhor, Tancredo, acreditando que deve a ele a liberdade tão almejada. Dessa forma, continua escravizado por laços de gratidão. Luandi, embalado pelo sonho de ser soldado e poder mandar, redescobre, depois de muito sofrimento na cidade grande, que a felicidade estava em suas raízes ancestrais e resolve empreender o caminho de volta para a vila onde nasceu e cresceu e para junto dos seus na tentativa de construir coletivamente uma comunidade, sustentada pela ancestralidade.

Ambas as escritas aqui analisadas mostram a integridade do negro diante da opressão, do constrangimento, uma reação digna para um ser oprimido e tão criticado na sociedade, a cor da pele não é interferência para uma sociedade pacífica. Mas o homem branco se tornou um flagelo do povo negro abusando de seus trabalhos e de suas vidas.

É primordial que outros estudos sejam realizados sobre essa temática afim de desmistificar e desconstruir estereótipos que se refutam na busca por igualdade social e étnica racial. É esperado que esta pesquisa venha contribuir para ajudar a evidenciar as autorias negras brasileiras, especialmente de mulheres que usam suas vozes contra a discriminação da negritude, por meio de uma escrita de resistência que conserva a ancestralidade e afirmação da identidade afro-brasileira.

Portanto, essa pesquisa é de suma relevância na minha trajetória pessoal e profissional, pois o contato com a Literatura Afro-Brasileira me fez perceber que embora por bastante tempo a existência do negro na literatura tenha sido quase inexistente ou cheia de estereótipos e estigmas, atualmente o negro tem ganhado a visibilidade e o papel de excelência nas mais diversas obras, sejam elas literárias ou não. Fazendo assim com que a negritude se vislumbre enquanto sujeito que compõe a multiculturalidade da sociedade na qual estão inseridos, proporcionando assim a afirmação da sua identidade e seu pertencimento enquanto grupo social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **O Navio Negreiro**, cantos 40, 50 e 60. In: ALVES, Castro. Os melhores poemas de Castro Alves. Seleção e apresentação. Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

AMORA, Antônio Augusto Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1973.

AZEVEDO, Aluísio, 1857-1913. **O mulato**. 3. ed. Jandira, SP: Princípio, 2020.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial**. Coleção Fundamentum n. 12. Maringá: Eduem, 2005.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. Coleção Consciência em debate. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Outubro/2017. Portal **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MariaFirminaArtigoEduardo.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2024.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Julho/2023. Portal **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 13 set. 2024.

EVARISTO, Conceição, **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. A escrevivência e seus subtextos. In. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.

FARIAS, Carlos Aldemir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In.: PRIETO, Benita (Org.). **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. 1. ed. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011. p. 19-24.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

RACIONAIS, Mc's. **Negro drama**/ Mano Brown. Álbum: Nada como um dia após o outro dia, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/significado.html>. Acesso em: 13 set. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. – Jandira, SP: Princípio, 2020.

Literatura, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: memória, identidade, ensino e construções literárias / Algemira de Macedo Mendes; Elio Ferreira; Margareth Torres de Alencar Costa, organizadores – Teresina: Editora da UFPI; Fundação Universidade Estadual do Piauí, 2013.

MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. O subterrâneo intimismo de Úrsula: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis. *Letrônic@*, Porto Alegre (PUCRS), v. 2, n. 1, p. 361-38, 2009. Disponível em:. Acesso em: 13 maio 2012.

ANDRETA, B. L.; ALÓS, A. P. A Voz e a Memória dos Escravos.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no Romantismo brasileiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. 106 fl. 2009. Dissertação de Mestrado em Literatura brasileira.

TOLLER, Heloisa Gomes. **O negro e o Romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.

ALMEIDA, Horácio. “Prólogo”. In: *Ursula: romance original brasileiro*. Ed. Fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/19479/2/Rafael%20Balseiro%Zin.pdf> Acesso em 12 de outubro de 2024.